

O *magnificat* De Maria no *magnificat* de Lutero

Ivoni Richter Reimer*

Resumo

Apresenta o *Magnificat* de Lutero, de 1521, a partir de seu contexto histórico, teológico e eclesial. Destaca questões e elementos relevantes no desenvolvimento de princípios hermenêuticos e exegeticos. Toma por base também o *Magnificat* de Maria na análise de conteúdos. Descobre e observa categorias epistemológicas na análise que Lutero fez do *Magnificat*, que continuam relevantes até hoje, como a experiência e o cotidiano. Analisa a importância e a centralidade da ação misericordiosa de Deus na vida de Maria e do seu povo, como referência para o desenvolvimento do princípio da justificação por fé e graça. Reflete e indica elementos significativos para bendizer Maria, hoje e ecumenicamente, como vivência e celebração de espiritualidade.

Palavras-chave: *Magnificat* de Lutero. Maria. Lucas 1,46-55. Hermenêutica e Exegese. Espiritualidade.

Maria's *Magnificat* In Luther's *Magnificat*

Abstract

This article works on Luther's *Magnificat*, dated from 1521, from its historical, theological and ecclesiastical context. It highlights relevant issues and elements in the development of hermeneutical and exegetical principles. It also takes as foundational in its analysis, the *Magnificat* of Mary. It discovers and observes epistemological categories in Luther's analysis on the *Magnificat*, that are still relevant today, like the experience and the quotidian. It analyses the importance and centrality of God's merciful action in Mary's life and in the life of God's people, as referent to develop the principle of justification by faith through faith. It reflects and indicates meaningful elements to bless Mary, today, ecumenically, as expression and celebration of spirituality.

Key words: Luther's *Magnificat*. Mary. Luke 1:46-55. Exegesis. Spirituality.

* Bacharel em Teologia (São Leopoldo/RS), doutora em Filosofia/Teologia (Universidade de Kassel), pós-doutora em Ciências Humanas (UFSC), professora na PUC Goiás (pós-graduação em Ciências da Religião e em História), bolsista produtividade CNPq. Email: ivonirr@gmail.com, Curriculum Lattes <http://lattes.cnpq.br/2861371052102699>. Gratidão às colegas Elaine Neuenfeldt, Líria Consuelo e Rocio Morales pela tradução do resumo para o inglês e espanhol.

El *magnificat* de María en el *magnificat* de Lutero

Resumen

Presenta el Magnificat de Lutero, de 1521, a partir de su contexto histórico, teológico y eclesiástico. Destaca cuestiones y elementos relevantes en el desarrollo de principios hermenéuticos y exegéticos. Toma por base también el *Magnificat* de María en el análisis de contenidos. Descubre y observa categorías epistemológicas en el análisis que Lutero hizo del *Magnificat*, que continúan relevantes hasta hoy, como la experiencia y el cotidiano. Analiza la importancia y la centralidad de la acción misericordiosa de Dios en la vida de María y de su pueblo, como referencia para el desarrollo del principio de la justificación por Gracia y Fe. Refleja e indica elementos significativos para bendecir a María, hoy y ecuménicamente, como vivencia y celebración de la espiritualidad.

Palabras Clave: Magnificat de Lutero. María. Lucas 1.46-55. Hermenéutica y Exegesis. Espiritualidad.

Quanto mais baixo alguém está, tanto melhor
Deus o enxerga. (LUTERO, 2015/1521)

Introdução

Em 1521, proscrito e excomungado, asilado em Wartburgo, Lutero concluiu sua análise e interpretação do *Magnificat* de Maria (Lucas 1,46b-55). Em meio ao conturbado contexto e às perseguições que sofrera, desde 1517, ele encontrou consolo e esperança nas palavras da “doce mãe de Deus”. Este acalento está perpassado de avaliação e crítica pessoal, social, eclesiástica e política.

Neste artigo, tomo por base a tradução ecumênica do Magnificat de Lutero, reeditada em 2015 (1996/1999), por ocasião da celebração dos 50 anos do encerramento do Concílio Vaticano II, dos 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida e da comemoração dos 500 anos do início da Reforma Protestante. Caso e quando houver outra possibilidade ou necessidade de compreensão, indicarei para o texto original de Lutero, na edição de Seils (1987).

O objetivo deste artigo é apresentar o Magnificat de Lutero e destacar alguns elementos que considere centrais para a interpretação do *Magnificat* de Maria, naquele contexto e na história interpretativa, a partir do desenvolvimento de alguns referenciais hermenéutico-teológicos naquele contexto histórico. Aqui, não pretendo nem consigo esgotar a análise deste escrito e de suas (des)continuidades na história da Teologia, da Ética e da Política. Contento-me em oferecer o mesmo como uma análise parcial e em construção, a fim de convidar você, leitor(a), para que se ocupe com a leitura dos dois textos, do *Magnificat* de Maria e do Magnificat de Lutero, a fim de continuarmos nossas análises, reconstruções e exercícios de espiritualidade!

A interpretação do *Magnificat*, feita por Lutero, recebeu poucas menções científico-acadêmicas em nosso contexto latinoamericano¹. Destaco, aqui, algumas contribuições, mesmo que indiretas. Começo com a obra de Altmann, *Lutero e a Libertação* (1994), significativa e ímpar para compreensão de Lutero e processos de libertação na história da Teologia, principalmente na América Latina. Mesmo não tendo encontrado referência explícita ao *Magnificat*², considere importante a apresentação e discussão dos tópicos sobre a interpretação e a centralidade da Escritura, ou política e reinado de Deus.

Na apresentação à publicação do *Magnificat* em língua portuguesa, Dreher (2015[1996]/1521, p. 7-8) afirmou que ele pode ser lido e entendido como um “escrito de ética política luterana [...], sendo que o] poder não tem finalidade em si mesmo. Quando isso acontecer, ele será bestial. O poder só existe como serviço em favor das pessoas que estão confiadas ao que exerce poder.” Também destacou algumas características de Maria, elaboradas naquele escrito: modelo de vida cristã, expressão de vida a partir do Espírito Santo, exemplo da gratuidade do agir de Deus, exemplo de fé e de esperança em Deus, exemplo do agir de Deus na História, tendo por base a vivência da justificação por graça e fé. No final, afirma emblematicamente que o *Magnificat* de Maria na interpretação de Lutero “é exercício de piedade, de mariologia evangélica, de orientação sobre interpretação da História, e convite para o exercício político responsável” (p. 8).

Nesta trilha e referenciando Dreher, Deifelt (2003, p. 124) afirma: “Lutero propõe que Maria sirva de exemplo para uma atitude ética cristã, um modelo especial para governantes.” No todo, ela é tida como modelo de desprendimento e de amor cristão, que não busca seu próprio benefício: “Ela é serva, como todos os cristãos deveriam ser.[...] Ela remete tudo à graça e à bondade de Deus. Por isto ela se constitui em um exemplo consolador da graça divina. Ela é bem-aventurada porque ajuda a fortificar a fé e a confiança em Deus” (p. 125).

Em 2006, C.Boff escreveu a obra *Mariologia Social*, interpretando também o *Magnificat* de Maria (p. 311-380). No extenso quadro de testemunhos interpretativos também figura Lutero. O autor destaca as dimensões político-libertárias e salvífico-escatológicas numa chave hermenêutica que considera

1 Reconheço que não tive ocasião nem oportunidade de aprofundar essa pesquisa. Peço desculpas por isso e ajuda de leitores(as) nesta busca. Além das aqui referidas, veja-se também a contribuição de Velasco, Richter Reimer e Deifelt, na Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, dedicada a estudos sobre Maria, em diferentes abordagens (2003).

2 Encontrei rápida menção do *Magnificat* no final do capítulo 3, na apresentação da pesquisa latinoamericana sobre o Jesus histórico. Infelizmente, porém, ele também não consta na Breve Cronologia da Vida de Lutero (p. 352).

o Êxodo e a Páscoa³ como referenciais, no que, aliás, desenvolve a antiga hermenêutica literal-espiritual: “precisamente nisto que se prova a força do espírito: na capacidade de manter a libertação espiritual no seu nível transcendente e, ao mesmo tempo, de fazer juz à libertação material com toda a sua dramaticidade” (p. 322). Como ênfase, afirma que “o Magnificat é um canto de reconhecimento e não de ressentimento” (p. 369) das ações libertárias de Deus na história do povo e das pessoas.

Para adentrarmos o Magnificat de Lutero, apresento a sua tradução do *Magnificat*, para, então, elaborar alguns elementos interpretativos que considere centrais no escrito.

Magnificat: a tradução de Lutero

Lutero traduziu Lucas 1,46b-55⁴ para a língua alemã, que estava em uso e desenvolvimento no espaço geográfico e sócio-linguístico que marcaram a formação de Lutero⁵. Apresento-a no quadro abaixo, paralelamente com a tradução extraída da obra *Magnificat: O Louvor de Maria* (LUTERO, 2015/1521, p. 11)⁶:

-
- 3 Nesta perspectiva, ver também Bigotto (2010, p. 30) que, citando a Encíclica *Deus caritas est*, n. 41, de Bento XVI, destaca que Maria, centrando-se na ação de Deus, entoa o *Magnificat* “tecido com os fios da Sagrada Escritura”.
 - 4 Texto alemão extraído de Seils (1987, p. 316), que tomou WABr 2,270,18-20 como fonte (D.Martin Luthers Werke. Briefwechsel).
 - 5 De acordo com Schildt (1987), Lutero contribuiu muito para a formação da língua alemã moderna. Para isso, há de se considerar as influências linguísticas recebidas: seu pai era de Möhra e a mãe, de Eisenach, portanto, do extremo noroeste da Floresta da Turíngia; Lutero cresceu em Mansfeld, aonde se falava o ‘baixo alemão’; dos 15 aos 18 anos estudou em Eisenach, aonde se falava um ‘alemão médio’; na universidade de Erfurt (1501-1505) também aprendeu línguas clássicas, entre elas, o latim. Em termos geográficos e linguística, portanto, a ‘casa’ de Lutero era a região leste central da Alemanha, marcada por dialetos territoriais, mas que assumiu elementos de dialetos oriundos de outras regiões. Isto tornou-se relevante como instrumento de comunicação, também na tradução da Bíblia.
 - 6 Conforme informação na ficha catalográfica do livro traduzido, trata-se de versão atualizada do original publicado em “Obras Seleccionadas de Martinho Lutero”, v. 6 (1996/1999, p. 20-78).

<p>Meyn Seel erhebt Gott den herrn(n) Vnd meyn geyst frewet sich ynn Gott meynen heyland. Den(n) er hat mich seine geringe magd angesehen / dauon mich werden selig preyszen kyndsz kind ewiglich. Den(n) er / der alle ding thuet / hat grosz ding mir gethan / vnd heylig ist sein name. Vn(d) seine barmhertzikeit la(n)get vo(n) eyne(m) geschlecht zum andern / allen die sich fur yhm furchten(n). Er wircket geweltiglich mit seine(m) arm / vn(d) zurstoret alle die hoffertige(n) ym gemut yhrs hertzenn. Er absetzet die grosze(n) herrn(n) vo(n) yhrer herschafft / vn(d) erhohet die da nydrig vnd nichts seynn. Er macht sat die hungrigen mit allerley gutter / vnd die reichen lessit er ledig bleyben(n). Er nympt auff sein volck Israel das yhm dienet / nach de(m) er gedacht an seine barmhertzickyt. Wie er den(n) vorsproche(n) hat vnszern(n) veterñ / Abraham vnd seynen kinden ynn ewickeyt.</p>	<p>Minha alma enaltece a Deus, o Senhor¹, e meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador. Pois contemplou a mim, sua humilde serva, razão por que me dirão bem-aventurada filhos e filhas dos filhos para sempre. Pois aquele que faz todas as coisas, fez grandes coisas em² mim, e santo é seu nome. E sua misericórdia vai de geração em geração em todos que o temem. Age poderosamente com seu braço e destrói a todos que são orgulhosos nas intenções de seus corações. Destitui os grandes senhores de seu governo, e exalta os que são nulos e nada. Sacia os famintos com toda sorte de bens, e deixa vazios os ricos. Acolhe seu povo Israel, que lhe serve, depois de se haver lembrado de sua misericórdia, como prometeu a nossos pais, Abraão e seus descendentes em eternidade.</p>
--	--

A tradução da Bíblia para a língua do seu povo foi uma das importantes contribuições de Lutero para a Teologia e a Linguística. Em seus trabalhos e perspectivas, ele interagiu e contribuiu com algumas importantes características da Renascença, como o zelo pelas línguas bíblicas, edições de textos, comentários filológicos e início de observações críticas (EBELING, 1986). Para adentrar conteúdos e contextos, teço algumas considerações acerca de análise exegética que Lutero fez do *Magnificat*, com alguns destaques hermenêutico-metodológicos, começando pela sua Apresentação e Introdução:

O contexto da obra de Lutero

Lutero estudou o *Magnificat* de Maria e escreveu o seu livro *Magnificat* com interrupções, por causa das crescentes e aceleradas manifestações político-eclesiásticas que eclodiam a partir do seu trabalho bíblico-teológico, que enfatizava a salvação por meio da graça de Deus e da fé. Neste sentido, é de suma relevância e significado a Apresentação intitulada JESUS, que ele escreveu e encaminhou ao seu destinatário, antes mesmo de concluir a obra.

Ela foi escrita em Wittenberg, em 10 de março de 1521, dedicada ao príncipe e senhor João Frederico, duque da Saxônia, landgrave da Turíngia e margrave de Meissen, ao qual Lutero se apresenta como “obediente capelão”.

No início da Apresentação, Lutero informa que havia recebido recentemente a correspondência do príncipe, que muito o consolou. Trata-se, de acordo com Loewenich (1934, p. 555), de carta a ele escrita por João Frederico, em 20 de dezembro de 1520. O príncipe havia tomado conhecimento das perseguições contra Lutero e imediatamente intercedeu por ele junto a seu superior, príncipe eleitor Frederico, o Sábio; a carta informa sobre o êxito obtido, pelo que Lutero expressa alívio e alegria.

Eram tempos conturbados. Lutero escreveu o Magnificat em meio a reações e apoios aos debates teológicos, tornados públicos a partir da publicação e divulgação das 95 teses que refletiam a experiência e a descoberta da justificação por graça e fé e, por isso, contestavam a prática das indulgências e os abusos do poder eclesiástico.⁷ Desencadeou-se, a partir de 1517, uma dinâmica de adesões e represálias, ameaças e processos disciplinares que culminaram na bula *Exsurge Domine*, de 15 de junho de 1520, que acusava Lutero de heresia. Esta foi queimada por Lutero, na Universidade de Wittenberg, durante protestos contra a Cúria, que imediatamente reagiu com a bula *Decet Romanum Pontificem*, que declarava a excomunhão de Lutero (03 de janeiro de 1521). É nesse contexto que Lutero recebeu e respondeu a carta do príncipe João Frederico, sabendo que poderia contar com seu apoio. Na sequência, Lutero não atendeu à ordem de retratação exigida por Roma, sendo então convocado pelo imperador Carlos V para se apresentar na Dieta de Worms, em abril de 1521, na qual também não abriu mão de suas convicções. Saiu de Worms com a ameaça imperial da proscricção. No caminho de volta, foi então ‘sequestrado’ por ordem do príncipe eleitor Frederico, o Sábio, e foi levado para Wartburgo, onde permaneceu asilado como ‘cavalheiro Jorge’. A proscricção foi concretizada com o Editto de Worms, assinado pelo imperador em 26 de maio de 1521. Excomungado, Lutero também foi destituído de seus direitos políticos por causa da acusação de erros doutrinários, como a doutrina dos sacramentos, do servo-arbítrio, rebelião contra autoridades da igreja e do Estado, desrespeito aos concílios. Uma ordem de prisão também foi expedida para seus adeptos, e a divulgação de suas obras foi proibida... “Com suas determinações, o Editto de Worms apresenta-nos um dos traços mais característicos da Contrarreforma, que é o controle eclesiástico sobre a vida intelectual e religiosa.” (DREHER, 2013, p. 238). Nessas condições, asilado em Wartburgo até março de 1522, Lutero traduziu o Novo Testamento e escreveu várias obras, entre elas o Magnificat.

⁷ Este breve resumo baseia em Dreher (2013, p. 230-254).

A Apresentação foi dirigida a João Frederico, duque da Saxônia, que havia solicitado a Lutero ajuda e orientação para seu governo⁸, do que ele se sente devedor, justificando a demora em realizar a tarefa: “Faz tempo que prometi e estou devendo a Vossa Alteza uma explicação do Magnificat. Mas o desastrosos comportamento de muitos adversários sempre me impediu de cumprir essa tarefa. [...] demorar mais seria uma vergonha e um desaforo” (LUTERO, 2015/1521, p. 9). Assim, na segunda metade de março de 1521, começou o trabalho de impressão da obra, que teve de ser interrompido por causa da viagem de Lutero a Worms. Por isso, em 31 de março, Lutero enviou as três folhas da prova do manuscrito ao príncipe João Frederico, com a observação:

Eu envio à Vossa Senhoria a iniciada obra Magnificat, sendo que a quarta parte ainda está na prensa. Eu tenho que interromper o trabalho até meu regresso, pois Vossa Senhoria percebe que, por causa da minha convocação para a Dieta, tenho que largar tudo. Deus me ajude a retornar novamente para casa, de forma que Vossa Senhoria rapidamente poderá ter toda a obra em mãos. (LUTERO *apud* SEILS, 1987, p. 313, minha tradução)

Na volta de Worms, asilado em Wartburgo, Lutero concluiu a obra, impressa em setembro de 1521 (LOEWENICH, 1934, p. 555; SEILS, 1987, p. 312; DREHER, 2015, p. 7).

Ainda na Apresentação, Lutero indicou o rumo de sua interpretação do *Magnificat* de Maria, que é a necessidade de governantes se deixarem governar pela graça e ajuda de Deus, para o bem do povo. Dito de outra forma: a qualidade de vida do povo evidenciará se o governante é governado ou não pela graça de Deus:

Desejo a Vossa Alteza a graça e a ajuda divina. Isso é muito necessário. O bem-estar de muita gente depende de um príncipe tão importante, quando ele é governado pela graça de Deus. Por outro lado, dele depende a desgraça de muitos, quando ele se volta para si próprio e não é governado pela graça. (LUTERO, 2015/1521, p. 9)

Confiante que o príncipe estaria inclinado a amar a Sagrada Escritura, Lutero assume o compromisso de interpretar o *Magnificat*, orientando-o a governar de acordo com a vontade de Deus.

8 Dreher (2015, p. 7) destaca que o príncipe “pedira de Lutero orientação sobre como governar cristãmente”.

No desenvolvimento de seus princípios éticos no processo de releitura do Evangelho e de Paulo, também aqui Lutero reconheceu que o coração humano é sedento por poder e que, por isso, o governante corre o risco de esquecer Deus e desprezar os súditos. No exercício do poder revela-se a pessoa que o exerce, e, frente a isso, Lutero recomenda: “Todos os que quiserem governar bem e ser boas autoridades devem aprender bem e guardar na memória aquele cântico” (p. 10)⁹, visto que ele conhecia o poder da desastrosa impunidade para as autoridades, e denunciou, aqui, que a prática do mal sem receber castigo transforma a autoridade em monstro, diante do qual o povo não se manifesta, porque tem medo.

Exercitando um de seus princípios hermenêuticos, ou seja, a Escritura interpreta a si mesma, Lutero remete a Romanos 12,8 para imprimir o fluxo argumentativo de sua interpretação do Magnificat: “Quem governa seja solícito”, isto é, governe com cuidado, esmero e competência.¹⁰ Para tal, ele toma o “cântico sagrado da bendita mãe de Deus” como o melhor exemplo nas Escrituras, e pede que “a doce mãe de Deus” conquiste para ele “o espírito capaz de interpretar de forma proveitosa e profunda este cântico” (p. 10), a fim de que o príncipe/governante e todas as pessoas possam dele ter todo proveito na vida, em ação e louvor.

Hermenêutica e análise terminológica: literalidade e espiritualidade

O cuidado requerido do governante, na difícil tarefa de governar, é exercitado também no trabalho cuidadoso da tradução e explicitação de significados, feitos por Lutero, na sua exegese. No contexto da teologia medieval, especificamente hermenêutica, Lutero aprendeu que os textos bíblicos deviam ser analisados em quatro sentidos, ou seja: literal/gramático, alegórico/espiritual, tropológico/parenético e anagógico/escatológico.¹¹ Contudo, participando das discussões e dos estudos acadêmico-científicos renascentistas, em que o início de observações textuais críticas forneceram ao *sensu literal* da interpretação uma importante contribuição, no sentido de

9 A partir de agora, quando me referir ou citar texto do livro de Lutero (2015/1521), a fonte principal, tomo a liberdade de mencionar apenas o número da página, a fim de não tornar o texto cansativo com muitas repetições de nota bibliográfica.

10 A palavra usada por Lutero, em sua tradução de Rm 12,8 é: “Wer do regiert / der sey sorgfellig”, do grego *bó proístámenos en spudê*. O termo *proístemi* indica para liderança ou governo que cuida, e *spudê* qualifica o governo “com zelo”, “com diligência”, “com cuidado”. Também o termo alemão *sorgfellig/sorgfältig* qualifica algo que é feito “com cuidado”, “com esmero”. Acerca da auto-interpretação da Escritura, ver adiante.

11 Acerca dos sentidos e da reserva de sentido na hermenêutica luterana, bem como seus desvirtuamentos, ver Altmann (1994, p. 105-114) e Ebeling (1986).

desenvolver, nele mesmo, um duplo sentido, ou seja, “o verdadeiro sentido literal é, ele mesmo, o sentido espiritual” (EBELING, 1986, p. 251, minha tradução), Lutero apresentou, em seu *Magnificat*, análises lexicológicas significativas também para esse processo de construção hermenêutica. Na ênfase de uma exegese terminológica, buscando a compreensão acurada dos termos e conceitos utilizados no grego, distanciou-se da leitura alegórica.¹²

No conjunto do trabalho exegético, Lutero articulava o princípio *sola scriptura* com o princípio *sacra scriptura sui ipsius interpres* (“a Sagrada Escritura é seu próprio intérprete”), que também implicava que “a autointerpretação da Escritura e a interpretação com o Espírito Santo coincidem [...] não precisamos de revelações pneumáticas especiais para compreender a Escritura” (DREHER, 2013, p. 249). Para Lutero, a legitimidade da interpretação advém desse princípio, não carecendo de uma instância jurídica para tal, expressa pelo controle do magistério eclesiástico. Para ele, no *senso literal*, a clareza da Escritura está vinculada à clareza do seu ‘objeto’, o que implica que a parte deverá ser entendida a partir ou junto do escopo do todo, que tem Cristo e a ação libertadora de Deus por critério. Em seus trabalhos, Lutero foi descobrindo que a Escritura é clara em si mesma, não no sentido que não tivesse problemas de compreensão histórica e científica, ou que sua compreensão e sentido já estivessem esgotados, mas no sentido de que ela se

auto-evidencia pelo Espírito Santo, em seu conteúdo fundamental, a quem com ela lida. [...] tendo encontrado o centro evangélico da Escritura, toda ela mudou de sentido e tornou-se clara: os atributos divinos já não são qualidades de Deus, que nos ameaçam e amedrontam, mas expressões da ação de Deus em nosso favor, que nos liberta. (ALTMANN, 1994, p. 106)

Esta prática exegética nada tinha a ver com literalismos e fundamentalismos desenvolvidos posteriormente, mas com a descoberta que, lido a partir da experiência e da ação do Espírito Santo na vida, o próprio sentido literal do texto abre sua compreensão simultaneamente para dimensões espiritual, escatológica e parenética. Junto com isto, essa exegese, articulada com o princípio *sola scriptura*, que interpreta a si mesma e tem Cristo / ação libertadora de Deus como centro, “não necessita da tradição como norma interpretativa, ao contrário, toda tradição precisa ser examinada com base na Escritura” (EBELING, 1986, p. 251, minha tradução). A auto-interpretação tem como referencial tudo o que testemunha de Cristo, sua obra e o que constrói e

12 A este respeito, Ebeling (1986, p.250-251) explicita a diferença entre Lutero e Erasmo, que se inclinava à herança alegórica de Orígenes. Sobre as características teológico-filosóficas de Orígenes, ver Dreher (2013, p. 58-59).

sustenta a fé. Em outras palavras: de acordo com Lutero, deve-se buscar na Bíblia tudo o que promove a Cristo e também tudo o que Cristo promove, sendo ele a referência central e o referencial que legitima e/ou autoriza a análise. Nesse processo, não se trata de selecionar uma série de versículos para confirmar ou contestar algo, característica básica de fundamentalismos, mas de uma postura dialógica intertextual, na qual, em casos de discordância, deverá prevalecer a referência central que é Jesus Cristo e sua obra:

Nem sempre o teor verbal da Bíblia está em sintonia com o Evangelho. Esse, por exemplo, afirma a igualdade de homem e mulher perante Deus. Então, por que barrar o acesso da mulher ao Ministério? Será suficiente alegar uma passagem como a de 1Co 14.34 [...] Não havia este mesmo apóstolo dito que, em Cristo, não há homem nem mulher (Gl 3.28)? Às vezes o Espírito da Escritura requer a crítica à sua letra. (BRAKEMEIER, 2012, p. 2)

Esta relação crítica entre letra/espírito também está articulada no *Magnificat*, que fornece abundantes elaboração e exemplificação da perspectiva exegética de Lutero e de seus princípios hermenêutico-teológicos.¹³ Exemplifico e desenvolvo isso a partir do próprio texto.

A Introdução da obra (p.13-16) elabora a chave hermenêutica e bíblico-teológica com a qual Lutero abriu a compreensão do *Magnificat* para o príncipe João Frederico: “Deus é um Senhor que não faz outra coisa do que engrandecer o que é humilde, de rebaixar o que é grande, de quebrar o que está feito e de refazer o que está quebrado” (p. 13). Se o príncipe quer governar cristãmente, deverá orientar-se por esta ação básica de Deus! Lutero busca o argumento para esta chave de leitura e interpretação na própria Escritura¹⁴, a começar pela criação de tudo a partir do nada, passando por uma série de textos do Antigo e do Novo Testamentos. A maior obra de salvação realizada por Deus aconteceu em e por meio de Cristo, que enfrentou o mais profundo abismo, a cruz, para onde Deus olhou em profundidade, ressuscitando-o ao terceiro dia. Este olhar misericordioso e transformador de Deus dirige-se sempre para baixo, em movimento contrário ao olhar humano, que sempre busca as alturas, honra, poder, riqueza, conhecimentos... Assim,

13 Esses princípios, desenvolvidos a partir dos trabalhos de tradução e interpretação, docência e pregação de textos bíblicos, estão bem apresentados em Altmann (1994), como, p.ex., teologia da cruz, justificação por graça e fé, hermenêutica, cristologia, pneumatologia e soteriologia, eclesiologia e política, ética e educação. Ver também os principais elementos da teologia e ética de Lutero em Dreher (2013, p. 245-254).

14 Interessantemente, nessa Introdução, Lutero não faz referência a 1Coríntios 1,26-29, mas a Romanos 12,16, por exemplo. Ele faz esta referência recém no comentário específico de Lucas 1,48 (p. 30).

quando constatamos que ele é um Deus que olha para baixo e ajuda somente os pobres, desprezados, miseráveis, desgraçados, abandonados e aqueles que não são nada, ele se torna muito querido. O coração está possuído de alegria, pula e salta por causa da grande estima que recebeu em Deus. Nesse momento está presente o Espírito Santo. (p. 14)

Isto foi também o que aconteceu com a “virgem Maria” que, em seu cântico, “fala de experiência própria. Ela foi iluminada e instruída pelo Espírito Santo” (p. 13), e somente assim pôde compreender a vontade de Deus em sua vida. Portanto, o Espírito Santo não apenas possibilita a compreensão da atuação libertadora de Deus no estudo do texto bíblico, mas abre a compreensão para essa ação de Deus na vida! Essa atuação de Deus a partir do reverso da história também é entendida por Lutero com base na menção da profecia de Isaías 11,1-2: para ele, o “tronco de Jessé”, no tempo de Maria, já não era mais cheio de honra, glória, riqueza e poder, mas estava representado em Maria, “humilde e pobre mocinha [...] que a filha do senhor Anás ou Caifás não teriam considerado digna de ser sua mais humilde criada” (p. 16). Desta forma, o motivo do *Magnificat* de Maria teria sido demonstrar a atuação de Deus a partir de baixo, o que não deve ter sido uma perspectiva muito tranquila para a realidade daquele a quem Lutero estava escrevendo: o príncipe João Frederico!

Este agir de Deus a partir de baixo, como chave hermenêutica, será melhor explicitado por Lutero, quando exaustivamente comenta Lucas 1,48. Ele polemiza com quem interpreta o termo “humildade” como sendo uma virtude da qual se possa vangloriar, porque o termo bíblico *tapéinosis* remete para a realidade da humilhação, no sentido de “rebaixar, anular”. É conceitua, com base em sua pesquisa intertextual¹⁵:

Assim, humildade nada mais é do que um estado ou uma condição de desprezo, insignificância e rebaixamento. Isso vale para os pobres, doentes, famintos, sedentos, presos, sofrendores e moribundos. Aconteceu com Jó em seu tormento, com Davi quando foi expulso do reino e com Cristo e todos os cristãos em suas aflições (p. 29).

Aqui, especificamente Lutero retoma sua chave hermenêutica:

15 Destacadas foram as passagens bíblicas de Pv 25,6-7; Sl 32,8; 113,6; 116,10; 131,1; o livro de Jó, esp. 22,29; Jr 9,23-24; 1Cor 1,27-28; 2Cor 10,17 (p. 29-40). Acerca da exegese contemporânea, bem como sua história interpretativa, ver C.Boff (2006, p. 311-380) e Souza (2015). Acerca da polissemia do termo ‘humildade’/‘humilhação’, ver Murad (2009, p. 50-1).

É uma característica de Deus olhar para as coisas insignificantes. Por isso traduzi a palavra humildade por “nulidade” ou “ser insignificante”. Portanto, Maria quer dizer o seguinte: Deus olhou para mim, uma moça pobre, desprezada e insignificante. (p. 30)

Esta chave hermenêutica remete para realidades de cunho social, para estruturas de poder e dominação, que não tem sua origem em características biológicas ou naturais, mas nas relações que são construídas. Também aqui, Lutero expressa sua assertiva de forma perspicaz, simultaneamente se distanciando de interpretações que circulam em seu contexto:

Fazem [in]justiça¹⁶ a Maria aqueles que afirmam que ela não se teria vangloriado de sua virgindade, mas de sua humildade. Ela não se envaidece de sua virgindade nem de sua humildade, mas unicamente da graciosa observação divina. Por isso a ênfase não está na palavrinha “humildade”, mas em “contemplar”. Não é sua humildade que deve ser louvada, mas a atenção por parte de Deus. Como quando um príncipe estende a mão a um mendigo: não se elogia a nulidade do mendigo, mas a misericórdia e a bondade do príncipe. (p. 30-1)¹⁷

A crítica de Lutero remete ao centro da afirmação do texto e sua interpretação, que não é nem a virgindade, nem a humildade de Maria, mas a ação transformadora de Deus, afirmada por Maria: “Pois ele baixou os olhos para a humildade/insignificância da sua serva”.¹⁸ No *Magnificat*, não aparece o termo “virgindade”, mas ele foi introduzido na interpretação de Lutero, para rebater as discussões dogmático-teológicas de seu contexto, baseadas em Lucas 1,26ss. Relevante é apenas o fato que Deus “olhou para baixo” e viu a realidade de humilhação na qual vivia Maria; esta é a ação que engendra a obra de misericórdia e salvação.

16 Teço, aqui, um comentário acerca da tradução feita, que considero estar equivocada em duas expressões: “fazem justiça” e “vangloriado”, pois os termos que Lutero utilizou é *thun sie yhr vnrecht die do sagen sie hab sich nit yhrer iunckfranschaft [...] gerumt*: “fazem-lhe injustiça os que assim dizem que ela não teria se gloriado/se gabado por causa de sua virgindade [...]”. Aliás, Lutero usa ambas as vezes o termo *gerumet*, o que a tradução interpreta como “vangloriar” e depois “envaidecer”.

17 No *Magnificat*, esta é a única menção à virgindade de Maria, temática sem relevância neste escrito. Em outros escritos, porém, Lutero enfatiza esta virgindade (DEIFELT, 2003, p.125-27). Perceba-se, porém, que se trata de textos bem mais recentes, principalmente o Comentário de Gênesis, que é publicado em 1543 em forma de coletânea de preleções realizadas desde 1535.

18 O verbo *epiblépo* indica olhar em direção para baixo, comumente traduzido por “contemplar”, “atentar”. O termo *tapéinosis* remete para situação de humilhação, pobreza e desprezo, o que Lutero traduziu por “insignificância”, e comumente é traduzido por “humildade”. Ver Souza (2015).

Neste sentido, também Crüsemann (2014) reconhece que Deus elevou a socialmente insignificante Maria por meio de sua misericordiosa ação transformadora, e que simultaneamente Maria engrandeceu Deus por meio de sua oração: “O *Magnificat* torna-se uma forma de levantamento de Deus por meio das palavras de uma mulher simples: Deus é engrandecido por meio desta oração de Maria!” (p. 101, minha tradução).

Vimos que Lutero fez acurada investigação textual e intertextual para compreender o significado do termo *tapéinosis* “humildade/insignificância”¹⁹ e que, com isso, contribuiu de forma relevante na compreensão do termo em sua dimensão social, econômica e cultural. Este minucioso trabalho por meio da exegese terminológica possibilitou também a percepção da importância da experiência e do cotidiano como aporte fundamental da compreensão, bem como a relação entre história e fé. Quero verificar isto também na análise que Lutero fez de Lucas 1,46-47: “A minha alma anatece a Deus, o Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador”, com destaque ao termo *psyché* e *pneuma* (p. 17-28).

Na época não havia dicionários bíblico-teológicos, com análise lexicológica, semântica e histórica de ‘verbetes’, como, no caso, *psyché* “alma” e *pneuma* “espírito”. Por isso, a interpretação por meio da busca do mesmo termo em outros textos bíblicos certamente era demorada e trabalhosa, contando também com o precioso recurso da memorização. Aqui, Lutero o fez – na solidão de Wartburgo! –, buscando entender a origem da alegria e do engrandecimento de Deus, realizados por Maria. Surpreende-me a complexa profundidade dessa análise que é lúcida e simultaneamente apaixonada, utilizando-se também do recurso retórico da primeira pessoa, no caso, Maria, que se mistura com a palavra do intérprete, Lutero, que também interpreta a sua própria existência e encontra consolo no *Magnificat* de Maria:

Por isso Maria não diz: “Eu enalteço a Deus”, mas “minha alma”, como se quisesse dizer: Minha vida com todos os meus dons se movimenta no amor de Deus, em louvor e grande alegria. [...] Isso acontece a todos os que são invadidos pela doçura de Deus e por seu Espírito, assim que sentem mais do que conseguem expressar. Pois louvar Deus não é obra humana. Antes é *um sofrer alegre e obra exclusiva de Deus, que não se pode ensinar com palavras, mas conhecer somente através de experiência própria.* (p. 17, meu destaque)

19 Ver acima, nota 18: É preciso dar-se conta sempre de novo que tal trabalho ocorria de forma absolutamente ‘manual’ e ‘de memória’, sem recursos tecnológicos, informáticos ou digitais, como os que temos atualmente. A grande maioria dos manuscritos ainda eram cópias redigidas manualmente, visto que a imprensa funcionava há pouco tempo. Vale mencionar que C.Boff (2006, p. 339) conclui que o termo *tapéinosis* exprime a condição de “insignificância social” de Maria, o que Lutero havia defendido em 1521!

Na análise “palavra por palavra”, Lutero enfatiza que “a Escritura divide o ser humano em três partes”: espírito, corpo e alma, sendo que cada uma delas novamente é subdividida em duas partes: espírito e carne, de acordo com as qualidades (boas ou más), e não biologicamente. Assim, espírito seria a “casa onde moram a fé e a Palavra de Deus”; ele capacita o ser humano a compreender coisas eternas e incompreensíveis, sendo a parte “mais elevada, mais profunda e mais nobre” (p. 18, 25). A alma seria o mesmo espírito, mas em outra função: “dar vida ao corpo e atuar por meio dele”, correspondendo ao termo “vida”; ela compreende aquilo que a “razão é capaz de reconhecer e medir. A razão é a luz nessa casa.” A essas duas partes, “a Escritura concede muitas qualidades, por exemplo, sabedoria e conhecimento. Ao espírito atribui sabedoria; à alma, conhecimento. Mas também lhes confere ódio, amor, desejo, horror [...]”. O corpo seria o conjunto dos membros; ele executa aquilo que “a alma reconhece e o espírito crê” (p. 18). Para Lutero, que segue nas trilhas paulinas, Deus nos santifica totalmente e não numa só parte, mas o espírito, como fonte de discernimento, é a parte mais exposta e corre maior perigo. Discorrendo e discutindo com vários grupos religiosos de seu tempo, principalmente contra a ênfase nas obras meritórias, Lutero insiste em afirmar a centralidade da fé que habita e preenche o espírito que orienta a alma/vida e movimenta o corpo (p. 20). Aqui, Lutero se mostra simultaneamente herdeiro de tradições dualistas e intérprete inovador: afirmando que a *minha vida toda* engrandece a Deus, destaca a santificação de todo o nosso ser, em sua totalidade, a partir daquilo que acolheu, discerniu e expressou - e isto confere à interpretação de Lc 1,46b novidade e radicalidade no seu contexto teológico-social.²⁰

Nesse contexto, Lutero escreve ao príncipe:

Você deve colocar diante de seus olhos, sem vacilar, a vontade de Deus para com você, para que creia firmemente que ele fará e quer fazer grandes coisas também em você. Esta fé é viva e ativa, penetra e transforma toda a pessoa. Ela faz você temer quando está por cima e a sentir consolo quando está por baixo. Quanto mais alto você está, tanto mais deve temer. Quanto mais oprimido está, tanto mais pode consolar-se [...] (p. 21) [...] É mais perigoso ter que controlar-se na posse de riquezas, grandes honras ou poder do que na pobreza, desonra e fraqueza. Riqueza, honra e poder são um convite e uma razão para o mal (p. 27).

20 Observe-se que essa compreensão do termo *psiché* permaneceu até hoje, sendo compartilhado por biblistas do mundo todo. Ver Boff (2006, p.311ss.), Murad (2009, p. 48-9), Crüsemann (2014, p. 101ss.),

Como Maria, você, ou seja, o indivíduo é sujeito da fé, da confiança, da expressão de dúvida, da disposição ao serviço de Deus! Assim como Maria, a minha alma e o meu espírito, isto é, “todo meu ser, meus sentidos e minhas forças” e minha capacidade intelectual reconhecem e enaltecem as obras de Deus para comigo. Como Maria, cabe demonstrar isso: “toda a vida e a alma devem emocionar-se, como se tudo quisesse cantar com alegria e dizer o que vive em nós” (p. 22). Questionando formas de espiritualidade que são capazes de expressar alegria somente quando tudo está bem, Lutero indica para Maria, que, mesmo tendo sido agraciada, “continua tão simples e serena, que não teria considerado nenhuma empregada inferior a si” (p. 23). Questionando as teologias meritórias, ele afirma em duas direções, ou seja, contra as obras por si mesmas e a favor das obras como expressão de gratidão à salvação pela exclusiva graça de Deus; portanto, a sua crítica à teologia meritória não pode servir de fundamento ou justificativa para indiferença, ingratidão ou inércia:

[...] engrandecem tanto as obras, que acreditam ganhar o céu com elas. Antes de tudo, deveriam anunciar e conhecer a pura bondade de Deus. Pois deveríamos saber que Deus nos salva por pura bondade, sem qualquer merecimento por meio de obras. Também deveríamos fazer as obras sem buscar qualquer recompensa ou vantagem, por amor à pura bondade de Deus, e nada desejar senão sua benevolência. Não deveríamos estar preocupados com a recompensa. Certamente essa virá por si e continuará sem nosso esforço. (p. 28)

A exegese literal, exercitada por Lutero na comunhão com homens e mulheres que se insurgiam contra formas de viver e crer naquele contexto, estava mergulhada na espiritualidade que, para sobreviver às dores do mundo, precisava confiar extrema e dolorosamente na misericórdia e na justiça de Deus a partir do reverso, a partir das pessoas humilhadas e insignificantes, que sofriam os revezes das relações de poder e de riqueza e se alegravam exultantemente com sinais de graça e bondade. A análise das palavras adentra o passado escrito e testemunhado e apresenta o presente para o qual quer se tornar significativa. Com isto, contribui para estruturar um outro jeito de crer e de viver: “Com a humildade esquecemos de ficar observando a nós mesmos” (p. 33); “Deus não olha para as obras, mas para o coração e a fé, através da qual também age em nós” (p. 35); “você deve sentir-se encorajado a esperar tudo desse Deus que observa com tamanha misericórdia pessoas sem importância, desprezadas, nulas e não as despreza. Assim seu coração será fortalecido em Deus na fé, na esperança e no amor” (p. 39). Com a exegese

literal-espiritual, Lutero pôde contribuir para mudança de mentalidade como estruturante de relações de vida:

[...] ofendemos o nome de Deus quando nos vangloriamos e aceitamos honra ou quando nos agradamos conosco mesmos e nos vangloriamos de nossas obras ou bens [...], mas] o nome de Deus é honrado devidamente quando é santificado por nós e não nos atribuímos nenhuma obra, nenhuma glória, nenhuma autocomplacência nisso. Então ele nos toca e nos santifica. (p. 46-7)

A recomendação de Lutero para o príncipe João Frederico, no fim da análise do *Magnificat*, é que ele não deixe de exercitar sua espiritualidade, que ele não entregue a oração que ele mesmo deve fazer nas mãos dos monges ou dos sacerdotes, pois necessário é vencer a timidez e animar-se na prática da oração e das obras de justiça e misericórdia em gratidão ao amor de Deus. Reconhecendo sua posição de poder e autoridade, o príncipe deve colocar-se sob a vontade de Deus, para exercer um bom poder, num magnífico modelo de oração para governantes: “[...] fui criado para governar. [...] Seja eu digno ou indigno [...] meu Senhor e Pai, deixe-me governar seu povo para seu louvor e para o bem desse. Não permitas que eu siga minha razão, mas seja você a minha razão [...]” (p. 80)

Recomendando principalmente Lucas 1,50-51 para a reflexão do príncipe, Lutero destaca que permanecem “o temor de Deus e sua misericórdia”, confiando-se, assim, ele próprio, ao príncipe, e intercedendo que esse seja “encomendado a Deus para um bom governo” (p. 80), que tem no bem de todo o povo seu sentido e objetivo!

O contexto na obra de Lutero: experiência e cotidiano de mulheres e pobres

No exercício de compreender a Escritura por meio de sua auto-interpretação, Lutero reconhece que isso não acontece automaticamente, mas que necessita da ação do Espírito Santo e da experiência humana. No *Magnificat*, Lutero desenvolve a categoria da experiência como fundamental no processo interpretativo. Trata-se da experiência de opressão e libertação, da transformação profunda, da experiência da ação divina em nosso corpo, na história. Assim aconteceu com Maria, que, no cântico, “fala de experiência própria” (p. 13) e “com o exemplo da sua experiência e em palavras” (p. 15) nos ensina como conhecer e louvar Deus.

Esse exercício de tradução, interpretação do texto, do passado e do presente, permite que Lutero perceba a história como dinâmica, e a Palavra de Deus como viva e inclusiva de realidades atuais, visto que só conhecemos

Deus por meio de suas obras, reveladas, “e que sentimos e experimentamos” (p. 14). Nesse exercício de compreensão é possível olhar para a atualidade, para personagens e situações a partir de como Deus tem se revelado e articular avaliações, orientações, comparações, emitir juízo e propor ações.

A exegese de Lutero é contextual no sentido de contemplar o cotidiano e as realidades de poder e riqueza e de opressão e miséria, lendo-os e avaliando-os a partir da Escritura. Várias vezes ele se refere a Maria, de origem humilde, cujo pai e mãe eram “pobres, desprezados e humildes”, moça jovem pobre e humilde, diferente das mulheres ricas e instruídas do seu tempo e de “hoje”:

as filhas dos sumos sacerdotes e conselheiros de Jerusalém eram mais ricas, belas, jovens e cultas; tinham uma boa reputação em todo o país, assim como as filhas dos reis, príncipes e ricos de hoje. [...] Maria não era filha de gente importante em Nazaré, sua cidade natal, mas de um cidadão simples e pobre. Não tinha nenhuma importância nem estima especial. Foi uma moça comum no meio dos vizinhos e suas filhas, que cuidava dos animais e dos trabalhos domésticos. Não era nada diferente de uma pobre doméstica de hoje, que faz o que é mandada (p. 15).

O cotidiano e as diferentes experiências de classe, gênero e *status* passam o *Magnificat* de Lutero, destacando sempre a espiritualidade e a experiência como centrais na vivência da fé. Desta forma, em sua interpretação e interagindo com a história, Lutero expressa também sua dúvida a respeito da existência, “hoje”, de uma fé verdadeira e profunda como a de Maria. Esta dúvida está presente quando Lutero interpreta Lucas 1,53, referindo-se às pessoas que tem fome.

A fome era realidade marcante em seu tempo. ‘Morrer de fome’ era vivenciado por muita gente e, por isto, não apenas configurava um dos motivos de grande medo na vida e no imaginário medievais, mas ‘matar a fome’ ou “alimentar os que têm fome” figurava em primeiro lugar entre as obras de misericórdia cristãs (DELUMEAU, 2009, p. 251). Esta realidade fez com que também Lutero se manifestasse drasticamente em relação à “consoladora promessa da mãe de Deus: ‘Encheu de bens os famintos’. Em todos os casos, não é possível que Deus permita que morra de fome física alguém que confia nele. Antes todos os anjos deveriam vir e alimentá-lo” (p. 68). Mesmo com dúvida, ele aposta na impossibilidade de Deus permitir a morte por fome, elencando uma série de textos bíblicos, para afirmar que Deus não pode abandonar quem nele confia. Em meio à dúvida e para entender porquê tem gente passando fome, Lutero tece alguns indícios de crítica às relações

econômicas e sociais: Por um lado, denuncia a necessidade de acumular bens e se apegar a eles mais do que a Deus, afirmando que, assim, os bens se tornam ídolos e, por outro, denuncia que a descrença torna-se cúmplice ou conivente com a injustiça: “Nós ficamos calados, não protestamos, não comentamos o assunto, não o impedimos, deixamos as coisas correrem. Por quê? Temos medo de que nos ataquem também e nos deixem na pobreza” (p. 68). Sabedor de que “ninguém pode viver sem comida, embora possa viver sem roupas, casa, dinheiro, bens e pessoas”, Lutero reflete a palavra de Maria como estímulo decisivo e consolador para quem, voluntariamente e não como mérito ou por imposição, busca na pobreza um caminho para servir a Deus (p. 70). Não é à toa que, um pouco mais tarde, em 1529, em seu Catecismo Maior, na quarta petição do Pai-Nosso, Lutero afirmava que “o pão nosso de cada dia” implica também um bom e justo governo e processos de pacificação e que “no escudo de todo príncipe reto [deveria-se colocar] um pão em lugar de um leão ou de uma grinalda de arruda, ou imprimi-lo na moeda em lugar do cunho” (LUTERO, 1980, p.467).

A centralidade da fé e da gratuidade da salvação de Deus também está expressa em relação às práticas religiosas, que são questionadas em seus estudos, no processo de desenvolvimento dos critérios da graça e da fé como fundamentais para receber a salvação bondosa e gratuita de Deus, sem obras meritórias.

O contexto na obra de Lutero: crítica a ordens, *shows* religiosos e à coação divina

Utilizando-se da análise terminológica a partir de Lucas 1,46, que destaca a alma como lugar de onde se origina o louvor de Maria, Lutero tece paralelos críticos em relação a grupos religiosos de seu tempo, como eremitas, franciscanos pé-descalços e mestres de falsa piedade, que se esforçam por “alcançar a bem-aventurança com jejuns” (p. 19) e várias práticas de orações e obras “inventadas exclusivamente por seres humanos”, para mortificar o corpo. Ele questiona essas práticas, porque percebe que as pessoas começam a confiar cada vez mais nas obras, dando menos atenção à fé, por meio da qual Deus santifica a pessoa em totalidade, “de forma que o espírito, a alma e o corpo sejam santos” (p. 19). Afirma-se, por meio da fé, o processo de santificação do corpo todo!

Com o mesmo recurso analítico em relação à origem do louvor de Maria, que brota da experiência da salvação de Deus e se faz com todo seu corpo, Lutero também dirige sua crítica aos que fazem *shows* de louvor e adoração com o *Magnificat* de Maria apenas quando estão bem e saciados de bens:

Hoje, todo o mundo está cheio desse tipo de servir e louvar Deus com canto, pregação, música de órgão, flautins. O *Magnificat* é cantado maravilhosamente. Ao mesmo tempo, é lamentável que usemos esse precioso cântico de modo completamente destituído de força e graça. Cantamos apenas quando estamos bem; mas quando as coisas vão mal, termina o canto. Nada mais se quer saber de Deus. (p. 22)

Lutero não se opunha a cantar o *Magnificat*, que fazia parte da Oração das Horas, na parte vespertina. Contudo, a partir de suas observações, experiências e estudos, ele questionava o modo como isso era feito, espiritualmente “destituído de força e graça”²¹. Remetendo para João 4,24, sua crítica aponta para a incongruência entre fé e ritualística:

Em todas as igrejas ouve-se hoje muito badalar de sinos, música, canto, gritaria e leitura. Mas receio que muito pouco louvor a Deus [...] Então nos comportamos como se Deus fosse surdo e de nada soubesse, como se o quiséssemos acordar e instruir. Esse falso conceito a respeito de Deus colabora mais para sua desonra do que para sua honra (p. 42).

Cantar um verdadeiro *Magnificat* seria permitir que Deus atue em nós, como Maria o fez, sem disso tirar vantagem para si, mas ter essa atuação e testemunhá-la como “consolo, alegria e confiança em Deus” (p. 23).

A partir do reconhecimento da salvação misericordiosa de Deus, a crítica de Lutero torna-se dura em relação a duas práticas sócio-religiosas existentes em seu tempo: a prática das boas obras de forma meritória, numa lógica de coação divina, do toma-lá-dá-cá e a prática das ordens mendicantes. Ambas são questionadas por apontarem mais para si do que para Deus, correndo o risco de serem alvo de idolatria. Em relação à primeira, que Lutero avaliou como “detestável abuso” (p. 35), ele constatou que

o mundo de hoje está cheio de falsos pregadores e santos [...] que pregam como realizar boas obras [...] não por amor à pura bondade de Deus, mas por interesse próprio. Se não existissem céu e inferno e se a bondade de Deus não lhes promettesse nenhuma satisfação, esqueceriam sua bondade sem amar nem honrá-la. Todos são aproveitadores e mercenários. [...] Transformam a si próprios em ídolos [...] Seu salvador são seus bens, com os quais Deus tem que servir-lhes como um criado. (p. 27-8)

21 Nas notas 6 e 22, Seils (1987, p. 314. 316) esclarece o uso litúrgico do *Magnificat* na tradição teológico-dogmática dos séculos XV-XVI.

Trata-se da crítica de uma mentalidade medieval de que, para receber bens, emprego, bom casamento e poder é necessário agradar a Deus com alguma oferta, seja por meio de obra beneficente, de doação para a igreja, de realização de rezas e procissões, de compra de indulgência, entre outras. Para conquistar a salvação, ou o céu, as pessoas se passavam por bondosas, colocando-se elas próprias como dignas de honra, gratidão e reconhecimento, ocupando, assim, o lugar de Deus. Os bens serviam como meio de barganha, tanto para conquistar respeito e honra entre as pessoas, quanto para conquistar a graça de Deus... E contra esta prática Lutero não poupava críticas.

Em relação à segunda prática e com base na análise de Lucas 1,48, Lutero questiona as ordens mendicantes que se apresentam de maneira humilde, em roupas e posturas, mas que pretendem reconhecimento na terra e no céu. Isso nada mais seria do que falsa humildade, ou “humildade fantasiada”, que “nunca se dá conta de que ela é arrogante”, porque intenciona alcançar coisas grandiosas em troca. Arrogantes, “desprezam a si próprios e, ao mesmo tempo, não querem ser rejeitados por ninguém” (p. 31-2). A falsa humildade busca “secretamente as coisas elevadas ou a autocomplacência, o que significa a ruína completa da humildade” (p. 34). Ele critica, também de forma irônica e destacando a premissa da fé, a intenção de adquirir maior grau de santidade por meio de aparência e afastamento do mundo: “[...] levar as pessoas ao céu por meio de comida, moradia e enterro de convento. Que Deus me ajude! Uma vestimenta de monge pode justificar e salvar – isto é estupidez! Para que ainda se precisa da fé? Vamos virar todos monges ou morrer em hábitos de monge!” (p. 35).

A exegese contextual de Lutero, exercitada na interpretação do *Magnificat* de Maria, retoma alguns dos princípios hermenêuticos em desenvolvimento. Junto com a experiência e o cotidiano, as críticas a práticas religiosas que chamam mais a atenção a si mesmas do que enaltecer a Deus, como o fez Maria, Lutero também ajuda a discernir entre o usufruto dos bens que Deus disponibiliza e o abuso e acúmulo com eles realizados. Trata-se da crítica à riqueza e ao poder como contraparte da pobreza existente.

O contexto na obra de Lutero: a crítica aos ricos e poderosos

Maria, com todo seu ser, engrandeceu a Deus, porque ele lhe fez coisas boas. Ela não engrandeceu a si mesma e nem buscou sua própria honra pelo fato de Deus ter feito grandes coisas para ela! A partir deste detalhe, Lutero denuncia a soberba dos ricos e poderosos: “querem ser honrados e admirados [...] Apreciam seus grandes bens que são obra de Deus neles, agarram-se a eles e os consideram como sua propriedade. Julgam-se especiais

[... e são] orgulhosos e complacentes consigo mesmos” (p. 22). Ao contrário deles, Maria não reteve para si as grandes coisas que Deus lhe fez, mas envolveu tudo a Deus, para sua honra e glória, e não desprezou ninguém por causa de ter sido a escolhida. Diferente dos ricos e poderosos, das hierarquias eclesiásticas e dos suntuosos *shows* litúrgicos, ela engrandece e louva Deus, dispondo-se a ser “um alegre albergue e uma serviçal anfitriã desse hóspede” (p. 23).

Compreender e cantar o *Magnificat* significa, para Lutero, desistir do orgulho e da prepotência, de colocar-se a serviço de Deus no serviço ao próximo que precisa do amor de Deus, voltando nosso olhar para baixo, assim como Deus faz, de colocar-se junto com pessoas empobrecidas. Esta prática de conversão e solidariedade, contudo, é muito difícil: “[...] Quando temos alguns bens, poder ou honra, quando somos um pouco mais bonitos do que outros, não somos capazes de nos colocar em pé de igualdade com uma pessoa mais humilde” (p. 23). Assim, tomar Deus, louvado por Maria, como referencial para a vida, é aprender a olhar para baixo e buscar reverter situações de desigualdade.

Na interpretação de Lucas 1,50, com destaque à misericórdia de Deus, como sendo a primeira obra de Deus para a salvação do mundo²², Lutero se dirige especificamente aos príncipes. Homens, principalmente quando se encontram em posição de autoridade, quando não seguem o exemplo misericordioso de Deus e se tornam arrogantes e teimosos em seus propósitos humanos de riqueza e poder, cometem injustiça, violência e derramamento de sangue. Entre tais homens, Lutero nomeia o “papa e seus seguidores” (p. 52) e os príncipes. Como escreve para um príncipe, detém-se, no *Magnificat*, mais em questionar e orientar as ações de príncipes. Partindo do pressuposto de que duas coisas são centrais, confessar e conquistar²³, Lutero afirma que “a você” cabe o confessar; a Deus, a conquista. Nesse tocante, sua palavra é dura e convida ao desapego material:

Temos que nos afastar não dos bens de Deus, mas do mau apego a eles. Assim podemos renunciar a eles ou usá-los com tranquilidade, para que nos apeguemos

22 Nesse sentido e remetendo para Lucas 1,55 como significativo para a história do povo de Deus, Gubler (2008, p. 29) interpreta que “o *Magnificat* é a proclamação profética do novo mundo de Deus, que é anunciado como realização da promessa feita a Abraão e como misericórdia para sua descendência”.

23 A tradução indica que a frase - Duas coisas são boas ou justas: confessar e conquistar (p. 55) – sejam citação bíblica, mas não há referência nenhuma de Lutero, o que também constatei na versão original, em Seils (1987, p. 347), que remete, na nota 259, sugerindo Salmo 73,25-26 como possível referência bíblica para a frase anterior, mas não esta, “confessar e conquistar”.

somente a Deus. Isso deveriam saber todos os príncipes e autoridades que não se satisfazem com o confessar da justiça, mas também querem conquistá-la e vencer sem medo de Deus. Cobrem o mundo de sangue e miséria, acham que agem bem e com justiça, porque a causa é justa ou, ao menos, acham que é justa. (p. 55)

Em nome da justiça são feitas muitas guerras, resultando em muita desgraça, e depois “fazemos orações, jejuamos, ouvimos a missa, fundamos igrejas com esta mente sanguinária, furiosa e louca” (p. 55). A crítica é clara e abrange dimensões econômicas, políticas e eclesiásticas. O acúmulo de bens ou a renúncia aos bens nada acrescenta à vida de acordo com a vontade de Deus; a conquista de povos e terras e a construção de igrejas e suas práticas nada significam se sua origem está no derramamento de sangue e na desgraça. A justiça deve orientar-se sempre pela misericórdia de Deus, e todo agir deve basear-se em Deus, centro no qual se fundamenta o modo crente de viver – e governar!

A orientação ao príncipe parte desse princípio, o que também se estende ao quesito proteção do país e do povo, sendo que a autoridade não o fará em proveito próprio, mas para o bem do próximo e para a honra de Deus. Trata-se da questão se o príncipe/o governo deve proteger seu povo, portanto, garantir sua segurança. Aqui, Lutero tece o seguinte raciocínio para colocação de diretriz e limite:

Um ladrão assalta um cidadão, e você mobiliza um exército para castigar a injustiça e sobrecarrega o povo inteiro com impostos – quem causou prejuízo maior: o ladrão ou o príncipe? Muitas vezes, Davi fingiu que nada via quando não podia castigar sem prejudicar outros. Assim deve agir qualquer autoridade. [...] Se se quisesse brigar por qualquer ofensa à lei e não deixar escapar nada, nunca haveria paz e, mesmo assim, reinaria a corrupção. Por isso a justiça ou a injustiça jamais são razões suficientes para castigar ou guerrear indiscriminadamente [...] Em todos os casos, uma autoridade tem que ter mais em vista aquilo que é para o bem de todo o povo do que aquilo que serve apenas para uma parte desse povo. (p. 56)

A utilização do rei Davi neste contexto é emblemática, pois figura como representação para o príncipe. A sabedoria do governo consiste em diferenciar situações e preservar a vida do seu povo. Para tal, deve-se inclusive suportar perseguições, o que também vale quando se trata da defesa da fé e do Evangelho, sendo que “ninguém deve agir com violência e preservar ou conquistar esta justiça do Evangelho com fúria e insensatez” (p. 57). A

orientação é confiar na misericórdia divina, como Maria reconheceu e confessou, e colocar-se a serviço dessa misericórdia.

Com base em Lucas 1,52, Lutero reflete sobre o fato de que, na história, sempre houve e haverá autoridade, governo, poder e tronos, e que muitos já foram os governos destituídos por Deus, quando esses “por muito tempo” abusaram de seu poder, praticando injustiça e violência, não temendo a Deus nem respeitando as pessoas. Ele utiliza a palavra de Maria para afirmar que Deus não destrói os tronos, mas “a arrogância e os arrogantes”, que usam do poder em “proveito próprio” (p. 64). Se Deus derruba poderosos, em consequência, “exaltar os humildes” significa muito mais do que colocá-los no trono; Deus lhes concede o poder de, a partir de baixo, julgar as formas de governo e os governantes! Não se trata simplesmente de uma troca de pessoas no exercício do poder, mas de um empoderamento das pessoas humildes, simples e pobres que as torna capazes de discernir as tramas nas/das relações de poder! De forma ilustrativo-pedagógica, Lutero utiliza ditos populares do seu tempo - “Quanto mais instruído, mais pervertido”; “Príncipe é ave rara no céu” -, para demonstrar quão difícil é governar cristãmente. E então conclui que as palavras de Maria acerca do derrubar e elevar foram ditas “para consolo dos sofreadores e pavor dos tiranos, se por acaso tivéssemos fé suficiente para acreditar nisso” (p. 65). A dúvida da fé, a angústia e paradoxalmente a liberdade profunda que a verdade causa são realidades que acompanharam Lutero na interpretação do *Magnificat* de Maria, e mostram que não foi nada fácil realizar a tarefa de, como capelão do príncipe, orientá-lo a governar de acordo com a vontade de Deus.

A liturgia e a sabedoria que não servem, ou: a fé que liberta

Lutero faz esses questionamentos, buscando orientar a atenção para o que realmente importa, ou seja, a fé e a humildade que sabem que tudo provém da gratuita bondade e misericórdia de Deus e a ele se deve devolver tudo, como expressão de honra e glória somente a ele, tomando Maria como exemplo:

É preciso ficar atento, porque nesta vida não podemos abrir mão dos bens de Deus. Portanto, também não podemos viver sem nome e honra. Quando alguém nos elogia e nos conquista boa reputação, devemos tomar por exemplo a mãe de Deus [...] Porém ninguém deve aceitar a honra como dada a ele e nem guardá-la para si. Devemos santificá-la e devolvê-la a Deus, ao qual pertence, juntamente com todos os bens e obras que são o motivo da honra. (p. 47)

A análise de Lucas 1,52 evidenciou, para Lutero, a segunda grande obra de Deus, que consiste em destruir a arrogância espiritual ou o conhecimento dos sábios que se colocam acima e no centro de tudo, não dando honra a Deus e não servindo ao próximo: “Agrada-lhes sua própria opinião, pretensão e inteligência, inspiradas não por Deus, mas por seu coração [...] se levantam contra o temente a Deus, reprimem sua opinião e seu direito, arrasam-no e o perseguem ao extremo [...] e se exaltam, como fizeram os judeus contra Jesus” (p. 61). Sem mencionar diretamente a quem está se referindo e criticando, Lutero os chama de “sábios e santos” que

fazem muitas orações, jejuam bastante, pregam e estudam muito, também rezam missas; andam de cabeça humildemente inclinada e não vestem roupas caras [...] Estas são as pessoas mais venenosas e nocivas na terra. E uma profunda arrogância diabólica, contra a qual nada se pode fazer. Elas não ouvem [...] Ninguém persegue mais a justiça e a verdade do que elas, no entanto por amor a Deus e à justiça.

A caracterização desses ‘inimigos de Deus’ e a sua identificação com ‘os judeus contra Jesus’²⁴ permite entender que esta crítica se endereça a membros do clero e das ordens eclesiásticas que, agarrando-se às suas próprias doutrinas, perseguem quem pensa diferente, como já havia acontecido com o próprio Lutero e que, por isto, se encontrava em Wartburgo. Contudo, os eventos que causaram sua excomunhão e a proscrição dos direitos políticos simultaneamente fizeram com que Lutero experimentasse o poder abscondido de Deus: “Pois onde o poder do homem chega ao fim, apresenta-se o poder de Deus quando existe fé e quando a fé o espera [...] Também são vencedores ainda hoje os sofredores e oprimidos” (p. 60). No final da análise de Lucas 1,51, Lutero nomeia e caracteriza os três inimigos de Deus, quais sejam, os ricos, os poderosos e ‘esses’ sábios:

Os ricos destroem a verdade entre eles próprios; os poderosos a expulsam dos outros; mas os sábios a extinguem completamente e introduzem outra coisa: suas próprias pretensões, para que não tenha chance de se reerguer. *Quando a verdade em si é melhor do que os seres humanos nas quais mora, tanto piores são os sábios do que os poderosos e ricos.* Com razão Deus resiste especialmente a eles. (p. 62, meu grifo)

24 No Magnificat, Lutero pouco se refere ao povo judeu. Contudo, mais tarde (1543), escreve especificamente contra os judeus. Num primeiro momento, em tom tranquilo, em busca da sua conversão; mais tarde, de forma agressiva e assustadora, o que lhe custou a fama de ter contribuído teologicamente a elaborar um antijudaísmo religioso antes nunca visto. A este respeito, ver Altmann (1994, p.263-269) e Delumeau (2009, p. 414-435).

Neste fluxo de reflexão e análise, o “serviço de Deus” existente no tempo de Lutero torna-se alvo de crítica a partir do final do *Magnificat* de Maria, que retoma a misericórdia de Deus como central na sua principal obra, a “humanização do Filho de Deus” (p. 73)²⁵, ou seja, Deus torna-se gente em Jesus, filho de Maria: serve-se a Deus, deixando que Deus seja Deus e realize sua obra em nós. Assim fez Maria, a “serva do Senhor”; assim fez Israel, “servo de Deus”. A referência, no texto grego, a Isaías 41,8-10 é elucidativa para a misericórdia de Deus e a resposta apropriada de Israel em forma de fé confiante e ativa em Deus que fortalece, sustenta e ajuda, que se evidencia como serviço/diaconia. Contudo,

a palavra “serviço de Deus” é compreendida e usada hoje num sentido muito impróprio. Quem a ouve não pensa nessas obras de Deus. Pensa no badalar dos sinos, na alvenaria e no madeiramento da igreja, no incensório, no brilho das velas, na conversa dentro da igreja, no ouro, na seda, nas pedras preciosas das vestes brancas e estolas, nos cálices e nas custódias, no órgão e nos quadros, na procissão e nas entradas solenes e, o que é mais importante, no palavrório e no desfiar do rosário [...] Cantamos o *Magnificat* diariamente em voz alta e com grande pompa, mas silenciamos cada vez mais seu verdadeiro tom e sentido. (p. 73)

Em conclusão, é preciso aprender continuamente a servir a Deus, agindo com justiça e misericórdia ao próximo, em gratidão ao amor de Deus, e, então, engrandecer e louvar a Deus, como Maria o fez, com o *Magnificat*, certificando-se do grande consolo que a obra de Deus e o poder dessas suas palavras operam na vida. Assim também se bendiz continuamente Maria.

Bendizer Maria, modelo de fé e diaconia: tentando uma conclusão

Lutero tem Maria em alta consideração. Ela lhe é modelo de fé e de resposta ativa e transformadora à ação de Deus na vida. Esta ação movimenta e transforma, e convida e clama por resposta. Para Lutero, Maria se dispôs a participar da ação de Deus, com toda sua vida, com todo seu corpo. Ela o fez, sem, contudo, chamar a atenção para si mesma, mas ‘devolveu’ toda honra e louvor a Deus, que atua em e por meio de nós.

Com sua análise do *Magnificat*, Lutero não poupou críticas a práticas marianas que praticamente esqueciam de Deus. Destacou, por exemplo, que

25 A tradução não me parece ter sido muito feliz. No alemão original de Lutero consta *die vormenschung gottis*, que Seils (1987, p. 358, nota 338) entende por *Menschwerdung* “tornar-se pessoa/gente”.

nele consta que Maria será bem-aventurada pelo fato de Deus ter baixado os olhos para ela na sua ‘humildade’/insignificância, e não por causa do elogio de alguma virtude sua, de sua humildade ou virgindade. Em consequência, não é o fato de entoar cânticos a Maria, ou dirigir-lhe preces, que a dirá bem-aventurada: “Maria não gosta de ouvir os charlatães inúteis, que pregam e escrevem muito a respeito de seu mérito. [...] Pois quanto mais dignidade e mérito se atribui à mãe de Deus, tanto mais se prejudica a graça de Deus e se reduz a verdade do *Magnificat*.” (p. 38) Quem assim o faz, insistentemente atribui a Maria tanta honra e louvor, que “não estão longe de transformá-la em ídolo, como se ela desejasse ser honrada e se devesse esperar todo o bem dela. Maria rejeita isso e quer que Deus seja honrado nela e que, por intermédio dela todos sejam levados a confiar plenamente na graça de Deus” (p. 38-9). Louvada deve ser a misericordiosa graça de Deus que escolheu e atuou em Maria, que “atribui tudo inteiramente ao fato de Deus ter observado sua nulidade” (p. 38). Portanto, Maria expressa claramente este motivo que fará com que “todas as gerações” a dirão bem-aventurada, o que, para Lutero, é um convite para “aprender como honrar e servir a Deus devidamente” (p. 38). Contudo, não era isso que faziam “os louvadores que falam muito e os tagarelas inúteis [...] que buscam auxílio e consolo nela com num Deus” (p. 40).

Sua crítica brota de exageros de práticas marianas em seu contexto²⁶, que assim são avaliados no conjunto do desenvolvimento dos princípios teológico-hermenêuticos no movimento da Reforma. Ele insiste na centralidade do agir de Deus, também em e por meio de Maria. E, na certeza que esse agir de Deus fortalece o coração em fé, esperança e amor, percebe, na análise do *Magnificat* e da ação libertadora de Deus, que “Maria não quer que você venha a ela, mas que você encontre Deus através dela” (p. 39). Nem mesmo a maternidade de Maria, reconhecida, então, pelos dogmas cristãos como mãe de Deus, que também Lutero confessa, é apresentada, no *Magnificat*, como o motivo de sua bem-aventurança; ela foi uma concretização da escolha e da ação de Deus. O fato de ela ser confessada “mãe de Deus” não faz dela um

ídolo que possa conceder algo ou ajudar alguém, como acreditam alguns que clamam mais a ela do que a Deus e nela buscam refúgio. Maria nada dá, mas somente Deus [...] que é poderoso. [...] Maria não quer ser um ídolo. Ela nada faz. Deus é que faz todas as coisas. Devemos suplicar a ela para que, por amor a ela, Deus faça o que pedimos. (p. 44-5)

26 Nesse questionamento, Lutero afirma que bem-aventurar Maria “não se deve limitar a palavras, ajoelhações, inclinação da cabeça, tirar o chapéu, fazer imagens, construir igrejas – os maus também fazem isso” (p. 40).

A humildade de Maria não reside, para Lutero, apenas no ‘antes’ de Deus ter baixado seus olhos para ela, mas também depois, nada tendo reclamado ou exigido para si mesma, nem mesmo a honra de ser chamada mãe de Deus. Também isto é, aliás, motivo de contemplação: “continuou sendo uma pobre cidadã no meio da massa de pessoas humildes. Oh, que coração simples e puro! Que pessoa admirável!” (p. 46) Essa humildade e a graça de Deus em reconhecê-la e nela atuar transcendem épocas, a tal ponto que Lutero chegou a escrever que “devemos suplicar a ela”, o que, em todo o caso, é significativo, no sentido da intermediação.²⁷ A questão é: o que, até que ponto e em que medida devemos dirigir súplicas a Maria? Lutero é claro na resposta: devemos suplicar-lhe para que Deus realize o que pedimos, o que precisamos, “por amor a ela”, Maria! Com isso, reafirma o que desenvolveu em sua chave hermenêutica na interpretação do *Magnificat*: a realização é exclusivamente de Deus, mas Maria assume, também aqui, uma interação.

No *Magnificat*, a experiência, o cotidiano, o contexto presente e a análise do passado perpassam toda a reflexão, estudo e orientação. A ação de Deus se faz e continua, hoje; a participação das pessoas nessa ação se fez e pode continuar se fazendo, hoje; a centralidade da humildade e do despojamento de Maria está no *Magnificat* e deve ser observada na espiritualidade mariana, também hoje.²⁸ No centro está a prática e a memória da misericórdia de Deus para ‘comigo’ e na história de seu povo, de geração em geração, cumprindo a promessa a Abraão. E, nessa misericórdia e na ação que dela resulta, Deus, por sua graça e bondade, mostra sua parcialidade em favor das pessoas pobres (GOLLWITZER, 1979, p. 23).

Para bem bendizer Maria, com base no *Magnificat* interpretado no *Magnificat* de Lutero, posso enfatizar e celebrar, numa perspectiva luterana ecumênica: sua alegria e seu louvor em resposta à ação misericordiosa de Deus; sua confissão da transformação inversiva da ação de Deus nas relações humanas; seu reconhecimento da centralidade dessa ação poderosa de Deus; sua disponibilidade e desapego na entrega total ao serviço que presta a Deus e à humanidade por meio de sua resposta positiva; sua atitude proativa e não auto-complacente; sua humildade ressignificada a partir da ação transformadora de Deus; sua inserção na história do passado, presente e futuro; sua ação e testemunho proféticos. Desta forma, Maria também será bem-aventurada, hoje e futuramente. Desta forma, também hoje e futuramente, poderemos

27 Acerca da teologia da intermediação e seus problemas, no tempo de Lutero, ver Deifelt (2003).

28 Esta permanência (des)continuada do significado da ação de Deus e da resposta à mesma é evidenciada, no grego, pelo uso dos aoristos, cuja ação pode ser entendida como profética, que remete ao passado, estando aberta ao presente-futuro. Ver também Boff (2006, p. 351-54).

colocar-nos ao lado de Isabel que, no encontro com Maria, sentiu a presença do fruto daquele ventre e proferiu a primeira confissão de esperança que brota de relações transformadas pela ação misericordiosa de Deus! Por fim, com Lutero, devo expressar, hoje, a necessidade e o desejo de que quem governa, governe em favor de todo o povo, com justiça e misericórdia!

Referências

- ALTMANN, Walter. Lutero e Libertação: releitura de Lutero em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Ática, 1994.
- BIGOTTO, Giovanni Maria. Maria dos Evangelhos. Tradução de Virgílio Balestro. São Paulo: Paulinas, 2010.
- BOFF, Clodovis M. Mariologia Social: o significado da Virgem para a sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.
- BRAKEMEIER, Gottfried. Somente a Escritura: Confessionalidade Luterana. *Jornal Evangélico Luterano*, p. 1-2 (impresso), jun 2012. Disponível em: www.luteranos.com.br, acesso em: 05 mar 2013.
- CRÜSEMANN, Marlene. *Gott ist Beziehung: Beiträge zur biblischen Rede von Gott*. 1. Aufl. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2014.
- DEIFELT, Wanda. Maria – uma santa protestante? *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 46, v. 3, p. 119-134, 2003.
- DELUMEAU, Jean. História do medo no Ocidente: 1300-1800 – uma cidade sitiada. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 [1978].
- DREHER, Martin N. Apresentação. In: LUTERO. Magnificat: o Louvor de Maria. Adaptação do texto: Rui J.Bender. 2.impr. São Leopoldo: Sinodal; Aparecida: Santuário, 2015. p. 7-8.
- DREHER, Martin N. História do Povo de Deus: uma leitura latino-americana. São Leopoldo: Sinodal, 2013.
- EBELING, G. Hermeneutik. In: GALLING, Kurt (Hg.). *Die Religion in Geschichte und Gegenwart: Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft*. 3.völ.neu bearb. Aufl. Bd. 3. Tübingen: J.C.B.Mohr (Paul Siebeck), 1986. p. 242-262.
- GOLLWITZER, Helmut. *Die Freude Gottes: Einführung in das Lukasevangelium*. 9.Aulf. Gelnhausen/Berlin/Stein: Burckhardtthaus-Verlag; Freiburg i.Br.: Christophorus-Verlag, 1979.
- GUBLER, Marie-Louise. *Maria: Mutter, Prophetin, Himmelskönigin*. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk e.V., 2008.
- LOEWENICH, Walter von. Das Magnificat. In: HEINSIUS, Wilhelm (Hg.). *Martin Luther: Bibelübersetzung, Schriftauslegung, Predigt*. München: Chr. Kaiser Verlag, 1934. p. 224-293; p. 555-557 (Erläuterungen).
- LUTERO, Martin. Magnificat: o Louvor de Maria. Adaptação do texto: Rui J.Bender. 2.impr. São Leopoldo: Sinodal; Aparecida: Santuário, 2015 [1521]. [Versão atualizada de Obras Seleccionadas de Martinho Lutero. V. 6. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1996.

p. 20-78]

LUTERO, Dr. Martinho. Catecismo Maior. In: LIVRO DE CONCÓRDIA: As Confissões da Igreja Evangélica Luterana. Tradução e notas de Arnaldo Schüler. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1980. p. 385-496.

MURAD, Afonso. Maria, toda de Deus e tão humana. 3.ed. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2009.

RICHTER REIMER, Ivoni. Maria nos evangelhos sinóticos: uma história que continua sendo escrita. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, Petrópolis, n. 46, v. 3, p. 35-51, 2003.

SCHILD, Joachim. Zum Verständnis der Luthersprache. In: DELIUS, Hans-Ulrich (Hg.). Martin Luther: Studienausgabe. Bd. 1. 3.Nachdr. d.1.Aufl. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1987. p. 13-28.

SEILS, Martin. Das *Magnificat* verdeutscht und ausgelegt, 1521. In: DELIUS, Hans-Ulrich (Hg.). Martin Luther: Studienausgabe. Bd. 1. 3.Nachdr. d.1.Aufl. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1987. p. 312-364.

SOUZA, Carolina Bezerra de. *Magnificat*: o canto do corpo grávido e pobre. In: RICHTER REIMER, Ivoni (Org.). Por amor à vida! crenças, resistências e conquistas na Bíblia e na atualidade. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015. p. 93-110.

VELASCO, Carmiña Navia. Maria e Isabel: diálogo entre mulheres. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, Petrópolis, n. 46, v. 3, p. 9-17, 2003.

Notas

- 1 De acordo com Crüsemann (2014, p. 119-120), o termo *kyrios* reproduz o tetragrama hebraico *adonai*, a divindade de Israel, e comumente é traduzido como “Senhor”, também em oposição aos senhores do mundo; traduções mais recentes, na Alemanha, adotam expressões como “o/a que vive”, “o/a eterno/a”, “o/a santo/a”, indicando também para a forma dinamicamente eterna de seu agir.
- 2 Na obra, quando Lutero quer expressar advérbio de lugar, ele utiliza o termo *yinn* “em”; aqui, utilizou *mir getan*, o que entendo como “para mim”. É diferente dizer que Deus fez grandes coisas *em* mim, ou Deus fez grandes coisas *para* mim. No primeiro caso, trata-se de algo localizado, talvez pensando no corpo, na gravidez de Maria; no segundo caso, trata-se de algo mais complexo, que envolve toda a vida e história de Maria, inserida na história da salvação. Também o grego *epóiesen moi* indica nessa direção. Ver tradução em Souza (2015, p. 97).